



## A arte deve tornar a realidade impossível

A criação de *Material Bond* procura suprir, parcialmente, uma lacuna do teatro produzido no Brasil. Considerado um dos maiores dramaturgos europeus vivos, cujas peças são montadas regularmente mundo afora, Edward Bond, nascido em Londres em 1934, é praticamente desconhecido entre nós. Exceto por raríssimas encenações, uma delas estreada em São Paulo em 2001 (dirigida por Fernando Kinas), sua obra está ausente dos palcos, dos catálogos das editoras e do debate público. No entanto, ele tem se colocado, com acuidade e contundência, como um interlocutor privilegiado para as discussões complexas e necessárias entre teatro e sociedade.

Além de sua vasta produção dramaturgica (cerca de 50 obras até o momento), Edward Bond é um prolífico comentarista de suas próprias peças, publicando prefácios, introduções, comentários, escrevendo cartas aos interessados em sua obra, além de densos ensaios sobre a relação entre arte e política. Além desta importante produção teórica, Bond escreveu roteiros e diálogos cinematográficos (o mais conhecido é *Blow-Up*, dirigido por Antonioni), libretos de ópera, fábulas, poemas e letras de canções.

Além da qualidade poética das suas obras, sua contribuição é inegável no campo da experimentação formal, desenvolvendo – tanto na escrita, como teoricamente – técnicas para uma dramaturgia em sintonia com o mundo atual. Sua trajetória tem sido marcada pela recusa dos esquemas do chamado teatro comercial, mas também pela distância de um tipo pouco eficiente de teatro político.

O modo que encontramos para lidar com esta radicalidade de conteúdos e formas foi partir de poemas, letras de canções e pequenas histórias (que o autor chama de fábulas) para construir uma intervenção teatral com roteiro inédito. O uso de material não dramático, da hibridização de linguagens (cena e projeção de imagens) e espaços (há um tablado instalado na plateia), caracteriza, em parte, o trabalho que desenvolvemos nos últimos vinte anos.

Em *Material Bond* três temas essenciais se desenham: a (in)justiça, o (des) humano e a imaginação poética. Em outros termos, a necessidade de humanizar o humano e a fome de justiça, tema do poema *The site*, incluído nesta montagem.

Toda a obra de Bond exercita estruturas (poéticas, teatrais, narrativas) para analisar a sociedade e para que o público possa refazer sua visão de mundo. Um certo caráter multiforme, em que lírico e narrativo se cruzam, não invalida, de forma alguma, a função totalizadora assumida pela encenação, que reivindica sem hesitação a matriz dialética que tanto inspirou Bond.

À radicalidade da injustiça e da desumanidade (*leitmotifs* de Edward Bond) precisa corresponder uma radicalidade estética, dramaturgica e cênica. Este trabalho gostaria de se apresentar, portanto, sob o signo da contradição produtiva, isto é, esforça-se em apresentar conflitos que possam revelar, para além da superfície das coisas, conexões profundas com a realidade em que vivemos.

## Ficha técnica

A partir da obra de: **Edward Bond**

Tradução: **Marcos Steuernagel, Filipe Vianna, Eduardo Contrera e Fernando Kinas**

Direção e roteiro: **Fernando Kinas**

Elenco: **Fernanda Azevedo (atriz) e Eduardo Contrera (músico)**

Vídeo: **Luiz Gustavo Cruz**

Cenografia: **Júlio Dojcsar**

Iluminação: **Clébio Souza (Dedê)**

Figurino: **Madalena Machado**

Confecção da marionete: **Celso Ohi**

Áudio inicial: **Michael Moran**

Produção e operações: **Luiz Nunes e Daniela Embón**

Realização: **Kiwi Companhia de Teatro**

*Material Bond* ganhou o edital de montagem do 20º Festival da Cultura Inglesa e sua pré-estreia aconteceu em junho de 2016, no Teatro da Cultura Inglesa. O projeto atual é apoiado pelo Programa de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo 2016/2017.

A equipe agradece, especialmente, a **Edward Bond, Laerte Mello e Michael Moran**

# material Bond



REALIZAÇÃO



APOIO

